

A VOZ DO POVO DO LINDEIA: RELIGIOSIDADE E ESPÍRITO DE LUTA POLÍTICA

Luiz Divino Maia

Resumo: O artigo se divide em seções. A primeira, introdutória, apresenta o objetivo principal (descrever as circunstâncias que levaram os precursores do bairro Lindeia, em Belo Horizonte, a adotarem uma mentalidade religiosa de cunho político), os objetivos específicos (relacionar essa mentalidade às lutas por melhorias locais; perceber a atual relevância dessa mentalidade) e metodologia (história oral por meio de entrevistas com os precursores do bairro). A segunda detalha os movimentos locais de lutas sociais. A terceira descreve a importância do padre Miguel para o bairro. A quarta apresenta a igreja Jesus Ressuscitado e sua construção como marcos locais. A quinta aborda o espírito cooperativo dos moradores. Nas considerações finais, há duas constatações: que os resultados alcançados pelo artigo foram sua própria produção e que é possível extrair novas interpretações de uma tese. Na questão teórica, o artigo usa, principalmente, trechos de obras antropológicas.

Palavras-chave: Religião; Política. Mentalidade. Luta. Lindeia.

THE VOICE OF THE PEOPLE OF LINDEIA: RELIGIOSITY AND SPIRIT OF POLITICAL STRUGGLE

Abstract: The article is divided into sections. The first, introductory, presents the main objective (to describe the circumstances that led the precursors of the Lindeia neighborhood in Belo Horizonte to adopt a religious mentality with political nature), the specific objectives (to relate this mentality to the struggles for local improvements; to understand its current relevance), and methodology (oral history through interviews with the forerunners of the neighborhood). The second details the local social movements and struggles. The third describes the importance of Father Miguel to the neighborhood. The fourth features the Resurrected Jesus church and its construction as local landmarks. The fifth addresses the cooperative spirit of the residents. In the concluding, there are two observations: that the results achieved by the article were its own production, and that it is possible to extract new interpretations of a thesis. In terms of theory, the article primarily uses excerpts from anthropological works.

Keywords: Religion. Politics. Mentality. Struggle. Lindeia.

LA VOZ DEL PUEBLO DE LINDEIA: RELIGIOSIDAD Y ESPÍRITU DE LUCHA POLÍTICA

Resumen: Este artículo está dividido en secciones. La primera, introductoria, presenta el objetivo principal (describir las circunstancias que llevaron a los precursores del barrio de Lindeia, en Belo Horizonte, a adoptar una mentalidad religiosa con matices políticos), los objetivos específicos (relacionar esta mentalidad con las luchas por mejoras locales; comprender su relevancia actual) y la metodología (historia oral a través de entrevistas con los precursores del barrio). La segunda sección detalla los movimientos sociales locales. La tercera describe la importancia del Padre Miguel para el barrio. La cuarta presenta la iglesia de Jesús Resucitado y su construcción como hitos locales. La quinta aborda el espíritu cooperativo de los residentes. En las consideraciones finales, hay dos observaciones: que los resultados alcanzados por el artículo fueron de su propia producción y que es posible extraer nuevas interpretaciones de una tesis. En el aspecto teórico, el artículo utiliza principalmente extractos de trabajos antropológicos.

Palabras-clave: Religión. Política. Mentalidad. Lucha. Lindeia.



1.DESCRICÃO INTRODUTÓRIA

O artigo que ora se apresenta trata de um trecho de minha tese de doutorado defendida no ano de 2021, junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-MG).

Concentrado em um fenômeno local, que na tese foi tratado como subseção de um capítulo, o artigo parte da hipótese de que é possível adaptar discursos religiosos para interesses voltados para uma dada realidade “concreta”, desde que, nessa realidade, haja urgência por mudanças sociais.

O objetivo principal do artigo, então, é descrever as circunstâncias que levaram os primeiros moradores do Lindeia a adotarem essa “presença” religiosa em seus discursos. O objetivo específico é entender o quanto esse tipo de mentalidade foi importante para que as pessoas pudessem alcançar — pela inserção nas mais diversas ações políticas (lutas) — melhorias arquitetônicas e urbanísticas em um local que, à época de sua formação, quase não tinha infraestrutura. Outro objetivo específico é avaliar o quanto essa mentalidade ainda se mantém viva nas falas e nas visões de mundo de quem testemunhou — e testemunhou de modo ativo — esse movimento histórico.

Registre-se que as pessoas que se mudaram para esse bairro em formação, em sua maioria, eram provenientes do interior do estado de Minas Gerais. Muitos rumaram para o Lindeia diretamente dos lugares em que viviam. Outros, antes de fixarem residência no bairro, estavam instalados na capital (ou em seus arredores), em vilas ou em ocupações próximas ou não tão próximas. Note-se ainda que, antes de se constituir como tal, o bairro (daí o seu nome) era uma fazenda pertencente à Lindeia Sette Ferreira Pires e ao seu marido Washington Ferreira Pires. O casal, embora não morasse na propriedade, era recorrentemente visto por lá.

O recorte temporal deste texto, em geral, concentra-se nas décadas de 1970 e 1980, época de forte repressão política engendrada pela ditadura militar brasileira (1964-1985). Um tempo em que, pelo país afora (sobretudo em suas periferias), surgiram diversas e renhidas lutas populares por moradia e/ou por condições dignas de existência. As lutas, em muitos casos, foram levadas a cabo

por representantes de uma corrente da Igreja Católica à época muito influente e denominada de “Teologia da Libertação”. No Lindeia, quem foi voz e corpo dessa corrente, com forte atuação no bairro, foi o padre Miguel (a ser tratado).

Quanto aos depoimentos que dão suporte ao artigo, todos eles são de pessoas que testemunharam os primeiros tempos do bairro. Pessoas que, em sua maioria, estão na faixa etária de 70 ou 80 anos. Dessas, a única que não está mais viva é Nilza Amâncio Lopes Dias (1937-2020), uma mulher que, em razão de sua vasta liderança local, ganhou muito prestígio entre os moradores. Nilza, além disso, foi uma das pessoas que mais contribuiu com a pesquisa que serviu de base para a tese e — como consequência — para esse artigo.

O método adotado para colher os depoimentos que sustentaram esse texto foi da história oral (método que teve o cuidado de manter as formas de expressão, as pronúncias e os termos característicos de cada um). Foi por meio de entrevistas e de rodas de conversas, todas pautadas pela história oral, que se pôde chegar às histórias de vida de cada morador. Histórias concatenadas com a história do bairro — ou com a história da formação do bairro.

2. LINDEIA: UM BAIRRO DE LUTA

Desde suas primeiras décadas de formação (anos de 1970 e 1980), o Lindeia foi palco de um código regulador bastante específico: um sistema de valores que, como um processo de “imitação” sociológica, que sustentou, deu força e ensinou vigor às condutas e aos posicionamentos de cada morador do bairro. Com isso, emanou entre as pessoas do bairro uma mentalidade concentrada nos intentos e nos resultados auferidos pela experiência social e coletiva vivida por cada um, naquele contexto.

A população local, neste tempo, era majoritariamente composta por mulheres e por homens que, com efeito, tinham vivido as mais diversas experiências de religiosidade popular em seus lugares de origem. Então, quando desembarcaram no Lindeia, muitas pessoas não demoraram a perceber que essas experiências seriam de grande valia para que elas conseguissem superar a extrema pobreza e a total falta de infraestrutura que assolava o bairro. Para

alcançar esse objetivo, porém, os novos moradores precisavam se inserir na vida comunitária. Mas a vida comunitária local, naquele novo contexto, só poderia fazer sentido se ela fosse tanto constituída pelo desejo de transformação como fosse contrária a toda forma de individualismo. Ou, ao menos, contrária a um individualismo, que, conforme pontuou Ferry (1994), tem como marca a assimilação a um egoísmo pautado pela vontade de cada um de se considerar isoladamente perante a sociedade.

Restava, então, aos novos moradores desse lugar em formação tomar parte de uma rede de movimentos locais que havia ali e que tinha como característica principal a associação entre religião (no caso, religião Católica, que, repita-se, eles já praticavam em seus lugares de origem) e política. Mas fazer isso, para a maioria, foi uma experiência nova. Ou nova em termos de linguagem e de posicionamento. Tratava-se, a rigor, de uma forma diferente de ver o mundo — uma forma urbana e sintonizada às transformações sociais e demográficas então em curso. A esses moradores, em específico, cabia a urgente filiação a um ideário que tornasse “político” o consagrado princípio religioso de irmandade mútua. Ou seja, que essas pessoas se voltassem para uma religião menos preocupada com o louvor a Deus ou a seus adeptos e mais concentrada em valores humanitários amplos, bem como para uma política menos instituída e opressiva e mais concentrada a ações coletivizadas.

Assim, sem que tivessem experiência com o tema, os novos moradores do bairro sentiram haver ali uma nova força: a força da problemática marxista (marxismo dos não ortodoxos do catolicismo). Pode-se dizer que, entre eles, nasceu “(...) um referencial da confiança básica por meio do qual a vida pode [podia] ser entendida como uma unidade contra o pano de fundo de eventos sociais em mudança” (Giddens, 2002, p. 198). As pessoas do nascente bairro, no ímpeto de reagirem contra à falta das mais elementares condições de infraestrutura, “vestiam roupas” religiosas para lutarem pelos seus direitos. Lutarem, conforme assegurou um dos moradores do bairro, Valdivino Satir Rodrigues, “na base da pressão”. Enfim, trata-se da velha história da “luta de classes” — luta do povo contra aqueles que, na sociedade englobante, detinham o poder.

Uma informação histórica se faz necessária. A partir da década de 1960, a ideia do “povo como sujeito” começou a ganhar corpo e ser cada vez mais proferida

pelas mais diversas vozes influentes do país. Na década seguinte, especialmente entre os setores progressistas brasileiros, essa ideia se consolidou, ganhou forte adesão e se fez presente no discurso da Igreja Católica, sobretudo entre os setores integrados à Teologia da Libertação, que atuavam nas periferias. Para Valladares (2005), a ética do compromisso social, com a influência de correntes europeias, como a filosofia da práxis e a interpretação marxista da sociedade e da cidade, também se fazia notar nas ações dessa corrente do catolicismo. Enfim, todo um universo voltado ao “fazer solidário”.

Faz-se aqui, para comprovar o posto acima, menção a um comentário de João Vicente Pereira, o Joãozinho, velho morador do bairro. “No bairro”, disse ele, “o povo vê a política com os olhos do trabalhador, enxerga Jesus Cristo no trabalhador”. A leitura que os moradores mais antigos do Lindeia faziam em relação às ações do filho de Deus, de modo geral, passou a ganhar contornos políticos. Um Cristo reivindicatório e contrário aos desmandos dos “poderosos”.

Trata-se de uma leitura que, transformada em tópico de identificação, ainda permanece viva entre os precursores do bairro. “Toda vida”, Joãozinho garantiu, “o Lindeia teve um sobrenome de um bairro politizado”. Essa leitura, ademais, ainda repercute no bairro, mesmo entre quem vive além das suas fronteiras. “Quando eu falo lá em Belo Horizonte [centro da cidade]”, disse Joãozinho, “‘eu moro no Lindeia’, a primeira coisa que o pessoal vê é que é um bairro politizado”. Como observador da vida social e cultural do Lindeia, Joãozinho sabe que as pessoas do bairro são assim, mas não só assim. “Não é”, continuou, “que o pessoal é tudo ‘trigo’ não, muitos ‘joios’ chegou para atrapalhar, entendeu?”

Ipso facto, tendo como pressuposto essa peculiar avaliação sociológica, é complicado julgar o modo de vida de um grupo social, seja de que época ou de que lugar for, tomando como base apenas os valores do passado. No caso do Lindeia, de fato, com o passar do tempo, o bairro deixou de ser (e nem poderia ser) o mesmo. As coisas se transformam. As pessoas antigas ou já morreram ou estão morrendo. “Hoje”, garantiu Joãozinho, “está bem escasso mesmo, mas ainda tem essa visão lá atrás ainda.

No mais, tratando-se de sociedade humana, é difícil imaginar que os movimentos culturais sejam uniformes. Como toda sociedade é complexa, composta por um

amálgama de indivíduos e de interesses, as pessoas, de modo geral, não agem da mesma maneira. Assim, o envolvimento nas lutas populares por melhorias urbanas e por condições sociais mais dignas, não raras vezes, foi resultado de contingências pontuais. Individualmente pontuais. “O pessoal”, contou Valdivino, “se interessava demais [em participar] porque tava precisando; a maior parte lutou enquanto eles tava precisando; aí resolveu o que ele queria, aí deu um tchau pra comunidade”. Dito de outra forma: “Se, do ponto de vista moral, o comportamento altruísta é preferível, não significa, como já vimos em relação à abnegação, que seja ‘desinteressado’” (Todorov, 1996, p. 161).

De todo modo, para a maioria dos moradores do Lindeia, a meta alcançada não significou arrefecimento de combate. Valdivino contou que, embora as manifestações locais tenham proporcionado muitas conquistas sociais, urbanas e arquitetônicas, ainda falta muito a conquistar. As lutas, mesmo que os fins não sejam mais os mesmos, não podem parar. “Hoje”, contou Valdivino, “cê tem que lutar pela conservação das coisas, né?”. Os tempos são outros. “Ficou”, continuou ele, “ruim pro cê lutar porque o próprio órgão público quer que as suas reivindicações cheguem até a prefeitura, não através de você, então através daquele vereador. Assim, quem vai ganhar nome é aquele vereador”. Nesse contexto, “o indivíduo pouco conta, mas a voz do representante é ouvida com uma deferência proporcional ao número de indivíduos em nome dos quais ele fala” (Wirth, 1976, p. 102).

A comunidade atual — repita-se — não é mais a mesma de outrora, e nem poderia ser. Antropologicamente, a principal característica da vida humana é a mudança. No caso do Lindeia, as formas de reivindicações sociais, que eram diretamente conduzidas pelas lideranças locais, com o tempo, ficaram restritas às esferas das representações oficiais. O confronto direto contra os órgãos públicos, por exemplo, perdeu vigor e a população passou a ter com esses órgãos contatos mais “secundários” do que “primários”. Contatos, na maioria das vezes, impessoais, superficiais e transitórios.

Entretanto, na disputa de significados, venceu a vertente dos que veem o Lindeia pelo prisma da postura combativa da população (levada a cabo pelos pioneiros do bairro, sobretudo). Uma população tida e havida como muito politizada. Mas politizada, reforça-se, pela influência da religião Católica. Foi isso, aliás, que deu

mote ao ethos local e fez com que o bairro se tornasse objeto de interesse alheio. Assim, desde os anos de 1970, o Lindeia abriu-se aos visitantes. “Eu”, disse Ilza Ana dos Santos, “lembro de muita gente importante que já veio pra aqui.”

“Gente importante” mesmo. Há notícia, comprovada pela foto abaixo (figura 1), de que Mercedes Sosa (1935-2009), célebre cantora argentina conhecida por seu engajamento político em favor dos desfavorecidos da América Latina, visitou o Lindeia. Uma visita que, como se pode observar na foto, que teve calorosa acolhida por parte da população local.

Figura 1 - Encontro com Mercedes Sosa. Sem data.



Fonte: Acervo fotográfico de Nilza Amâncio Lopes Dias.

Faz-se, ainda, necessário mencionar que a cultura moderna, como afere Simmel (1976), caracteriza-se pela preponderância do “espírito objetivo” sobre “espírito subjetivo”. Em face do desaparecimento da unidade territorial como base de solidariedade social (unidade que havia no meio rural, de onde provinha a maioria dos novos habitantes do Lindeia), tornou-se necessário criar novas unidades de interesse ou, no caso, adaptar essas unidades de interesses ao contexto da experiência vivida pela maioria dos novos moradores do bairro.

3. PADRE MIGUEL E A LUTA PARA CONSCIENTIZAÇÃO DE UM POVO

Os desdobramentos das ações políticas dos primeiros moradores do Lindeia, conforme se observa nas descrições de parte significativa de seus moradores,

apresentam fortes raízes religiosas. Raízes “plantadas” e “regadas” pelos padres jesuítas que se instalaram no bairro em suas primeiras décadas de formação.

Não há como entender as ações coletivas, o despertar dos pendores políticos e a formação das visões de mundo que constituem a memória coletiva local sem fazer referência à atuação desses padres. “Parece”, contou a moradora Verônica Maria de Souza, “que os padres antigos dedicavam mais ao social, traziam mais ajuda pra região”. Os padres, de fato, como seus eternos admiradores não deixaram de sublinhar, deram apoio, levaram ajuda, proteção e elevaram a autoestima das gentes locais.

Desses párocos, o de maior destaque é o padre Miguel Elosua Rojol (1932-2020). Desde sua chegada ao bairro (início dos anos de 1970), quando ali quase não tinha infraestrutura, o padre se fez notar. O prestígio do padre, entre aqueles que conviveram com ele, atrela-se, sobretudo, à sua infatigável disposição de tornar o bairro um lugar propício à vida humana naquilo que ela tinha (e tem) de mais essencial. Padre Miguel, desde o início de seu sacerdócio no bairro, não poupava esforços para que os moradores tivessem consciência de que as condições de pobreza e de limitação pelas quais passavam não eram por culpa — e muito menos por vontade — de nenhuma entidade celestial, e sim por contingências políticas e históricas.

O valor do padre Miguel também tinha origem em seu gênio. “O natural dele”, disse Cacilda Boaventura da Silva, “era fechadão”. Homem severo e doce, distante e próximo, frio e afável, ferro e veludo, ele era quase uma unanimidade. As pessoas, de modo geral, não se cansaram de prestar-lhe homenagens, de boca a boca, de todos os modos.

Uma dessas pessoas foi Mercês Martides Rodrigues de Araújo. Mercês conhecia bem o padre Miguel, era unha e carne com ele. “O padre”, ela contou, “era rígido, mas era uma pessoa amiga de todo mundo. Ele ajudava e trabalhava com o povo. O povo ia atrás (...) todo mundo via que era bom o que ele fazia”. O povo do Lindeia, mais que tudo, pautava-se na índole “gente como a gente” do pároco.

A boa aceitação do padre Miguel junto às pessoas do bairro passava pelo fato de ele ser um homem engajado. Politicamente engajado. Selita Lopes Viana, primeira funcionária da igreja local, tratou de elogiá-lo. “Gosto”, sublinhou, “do padre que é de luta; a igreja tem de falar de coisas políticas, de ação”. Lembrar-se do padre Miguel, então, é lembrar-se de sua disposição de levar os membros da comunidade a alcançarem autonomia e consciência política. “O padre Miguel”, Selita explicou, “deu o peixe, deu a vara e ensinou o povo a pescar”. Assim, os laços horizontais locais, baseados em um sentido de comunidade, passaram a conviver proximamente com seu laço vertical mais proeminente.

No final dos anos de 1980, o padre Miguel, após muitos anos de dedicação ao bairro, foi — de balde as mais diversas tentativas da população local em reverter esse processo — transferido para Palmas, capital do novo estado de Tocantins. Depois, ao que consta, ele foi para Fortaleza (CE), onde viveu por muitos anos, até morrer, em 2020.

4. IGREJA JESUS RESSUSCITADO: SÍNTESE DA MENTALIDADE DE UM POVO

Diga-se que a arquitetura, conforme Lemos (1980), sabendo de seu caráter de permanência, não pode desconsiderar a lógica que sustenta a cultura do lugar onde ela será instalada. Ou onde será erguida uma ou outra obra.

Assim, não há como tratar de um povo, de sua história e de sua formação social, arquitetural e cultural (que, no caso, é urbana), sem fazer referência aos fatos e aos lugares de socialização desse povo. Ou fazer referência aos fatos que levaram à construção de seus lugares de socialização. “Cada geração”, escreveu Bosi (1994, p. 418), “tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.

Os “pontos de demarcação” da geração que constituiu — e construiu — a história do Lindeia não podem ser desvinculados de alguns dos seus monumentos, os quais que se tornaram localmente bastante valorosos e expressivos. Todavia, mais do que os monumentos em si, o que os faz e fez alcançar tanta importância está vinculado ao processo que gerou suas construções. Um desses monumentos, talvez o principal, é a igreja Comunidade Nossa Senhora da

Abadia (igreja ainda chamada pela maioria da população local de “Jesus Ressuscitado”, seu antigo nome).

Se é assim chamada, ela aqui será assim denominada. Fruto da ação do padre Miguel em prol de sua construção, a igreja Jesus Ressuscitado, sem dúvida, tornou-se o esteio de um catolicismo engajado e popular. Nilza Amâncio Lopes Dias, enquanto viveu, não esqueceu o quanto esse monumento religioso foi importante para a conscientização política e social da população do bairro. “A igreja”, disse ela, “[foi importante] porque foi aonde a gente começou a enxergar as coisas, né?”.

“Uma obra de arquitetura”, escreveu Pallasmaa (2018, p. 70), “também é mais do que o prédio material, ela nos confronta com o mundo e sua própria existência”. “Uma obra de arquitetura” que visa atendimento à população local e que, para ser erguida, precisou contar com a força dos braços dos homens e a disposição sem limites das mulheres, muito mais. Em tais condições, as pessoas, como lembrou Todorov (1996), podem sentir o poder de suas realizações, como podem sentir a ação de suas existências.

A foto abaixo (figura 2) mostra um grupo de homens envolvido no trabalho de erguer a futura igreja Jesus Ressuscitado — processo adiantado, pois, como se observa, eles se encontram no alto da obra em construção. Nota-se o arranjo corporal de cada um e é possível imaginar o que eles sentiam naquele momento. Todos aparentavam grande satisfação por fazerem parte de tão importante empreitada.

Figura 2 - Construção da igreja. Sem data.



Fonte: Acervo fotográfico de Roberval Pires de Oliveira.

O que a foto não revela são as ações femininas nesse mutirão construtivo. Ações que dizem muito sobre o consagrado gesto de “partilha de pão”, algo muito presente no Cristianismo primitivo e ainda bastante difundido na liturgia católica. “A gente”, relatou Ilza Ana, “fazia assim, eu mesma fazia assim: levava uma bacia de pão com molho, salsinha, fazia com suco, prumava para aí acima e levava pro pessoal”. Ali havia e estava consolidada uma rede de solidariedade. “Muita gente”, continuou Ilza Ana, “uns levava, outros levava. Todo mundo tinha aquele compromisso. Era aquela beleza!”

Tão logo foi iniciada sua construção, a igreja Jesus Ressuscitado se fixou na mentalidade coletiva daquele bairro em formação como uma obra irremediavelmente ligada ao padre Miguel. Quando erguida, mais ainda. Assim, igreja e padre, como sugere a foto abaixo (figura 3), tornaram-se um “corpo” único. A foto, aliás, faz pensar que a cruz está no pensamento do padre como um guia a conduzir seus caminhos em favor do povo do Lindeia.

Figura 3 - Padre Miguel com lateral da igreja ao fundo. Sem data.



Fonte: Acervo fotográfico de Cacilda Boaventura da Silva.

5. LUTAS EM PROL DE AJUDAR OS OUTROS

Entre as manifestações da vida citadina, há um número significativo de indivíduos que pode encontrar o tipo de ambiente e de situação no qual ele tem condições de se expandir como pessoa. Ou pode assim se sentir plenamente integrado. Na cidade, as pessoas encontram “(...) o clima moral em que sua natureza peculiar obtém os estímulos que dão livre e total expressão a suas disposições inatas” (Park, 1976, p. 63). “O Lindeia”, disse Maria Terezinha Diniz de Oliveira, “me deu um crescimento e sabedoria por ter vivido o que vivi. As dificuldades me trouxeram conhecimento e disposição para ajudar os outros, estudar, lutar. As dificuldades me fizeram ver o próximo”.

De fato, “ver o próximo” constitui uma noção de grande valor entre os contemporâneos da formação do bairro. Trata-se de uma noção que carrega fortes atributos religiosos de caridade. Ou, no caso, uma noção que leva as pessoas a se unirem para ajudar aos mais necessitados. Dessa união, proveio a força da população do bairro. A força de engajamento coletivo em prol do trabalho de, por exemplo, erguer as moradas dos vizinhos. “Foi”, disse Ilza Ana, “aqui a luta de ajudar as pessoas a construir barraco, [para quem] não tinha onde morar. A gente ajuntava, padre Miguel na frente e nós atrás, as mulheres, ia todo mundo ajudar”.

Essa premissa de ajudar o próximo foi uma espécie de semente que fez brotar, entre a população local, a disposição de acompanhar o padre em tudo e em todo lugar, pois todos sabiam que o que o padre fazia era bom para o bairro. Nilza, em relação a isso, mencionou a história de um grupo de moradores do Lindeia (com ela entre eles) andando pelas ruas do centro da cidade rumo ao prédio da prefeitura (na Avenida Afonso Pena) com o objetivo de reivindicar alguma melhoria da infraestrutura do bairro. À frente de todos, segundo Nilza, estava o padre Miguel. De braços abertos, entre os carros que buzonavam sem parar, ele comandava e indicava o caminho ao povo do Lindeia.

Há de se pontuar ainda que, apesar dos bons resultados auferidos nesse e em tantos outros movimentos de luta popular, nada foi simples. “Não foi”, disse Valdivino, “coisa de mão beijada. Eu acredito que uma das coisas que a gente tem hoje aqui, se não fosse a luta do povo...”. “Se não fosse a luta do povo” nada (ou muito pouco) seria conquistado e decerto não seria formado um espírito tão combativo entre as pessoas do bairro. No mais, deve-se suspeitar das ofertas de “mão beijada”. Ou, como se diz, quando a esmola é muita, o santo desconfia.

Assim, se os laços sociais constituídos no Lindeia — laços com fortes traços de uma religiosidade muito politizada e comprometida com as melhorias do bairro — se fizeram assim no contexto de uma conjuntura de forte opressão política trazida pela ditadura militar, esses mesmos laços, ao menos para parte expressiva da sua população, deixaram fortes resquícios culturais espalhados pelo bairro. Resquícios que ainda se mantêm firmes e fortes na memória de cada um. Ou na forma de cada um enxergar o mundo.

Mantêm-se, é lícito dizer, como esteios da memória coletiva local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESULTADOS ALCANÇADOS

Ressalto, como consideração final, que o principal resultado alcançado com o texto foi a realização de uma nova reflexão a partir de um trecho da tese que produzi e apresentei em 2021. No retorno a esse trecho, para a elaboração deste artigo, pude constatar que pesquisas acadêmicas não devem ficar restritas às

suas propostas originais. Uma tese (ou, como no caso, um trecho de uma tese), quando revisto em outro momento, pode ganhar novas e distintas interpretações.

Quando a pesquisa foi realizada e a tese que serviu de base para este artigo foi escrita, o tema da intercessão religiosa na formação política dos moradores do Lindeia, embora já se mostrasse relevante, não me pareceu que poderia ser objeto de investigação “separada”, mesmo em momento futuro.

Entretanto, foi principalmente a partir do instante em que me pus a pensar na hipótese, que se revelou apta a ser levada adiante. A hipótese de que discursos religiosos podem ser adaptados aos desejos de mudança de uma realidade histórica e social bem específica.

Assim, com o artigo concluído, saliento que o objetivo principal proposto, que era o de fazer uma descrição de caráter antropológico a respeito das contingências e das influências que levaram ao processo de formação de uma dada mentalidade política marcada pela “presença” religiosa, foi alcançado. Quanto aos objetivos específicos, eles foram dois — e foram também alcançados. Tanto o primeiro, de entender o quanto esse tipo de mentalidade foi importante para que se pudesse alcançar melhorias arquitetônicas e urbanísticas em um local que, à época de sua formação, quase não tinha infraestrutura. Quanto ao outro, de avaliar os diversos momentos em que essa mentalidade ainda se mantém viva nas falas e nas visões de mundo de quem testemunhou — e testemunhou de modo ativo — esse processo histórico.

Contudo, é necessário apresentar exemplos concretos que estejam em total consonância com os objetivos e os resultados alcançados. Um desses exemplos tem relação com recorrente ênfase dada pelos entrevistados ao termo “luta” (ou “lutar”), que, conforme percebi, pode ser associado, ao menos nas visões de mundo dos entrevistados, às ações de Jesus Cristo ou dos cristãos narradas nos Evangelhos. “Lutas”, como também ocorreram no Lindeia, em favor de um novo mundo ou contrárias aos desmandos da época.

Outro exemplo pode ser relacionado às constantes menções que os moradores do Lindeia fizeram ao padre Miguel e a sua imprescindível influência tanto na formação política e cultural do bairro, como na experiência construtiva da igreja Jesus Ressuscitado e em outras atividades sociais. As menções devem ser

vistas por vários prismas. Primeiro, pela percepção de que elas estão em sintonia tanto com um espírito político como com um espírito religioso; que elas têm características combativas; que elas são a mais perfeita tradução dos intentos da Teologia da Libertação, uma corrente católica, conforme posto, fundamentada em sua ênfase no tema da libertação dos pobres e dos oprimidos e que interpreta o Evangelho de Jesus Cristo à luz da realidade socioeconômica.

Embora um tanto tangencial (sem, contudo, ser desimportante), outro aspecto digno de nota foi a possibilidade, colocada aqui em prática, de fazer uma abordagem específica em relação ao assunto. Trata-se de uma abordagem concentrada em uma das áreas de estudo que, no contexto da pesquisa interdisciplinar que originou a tese, focou-se em três áreas. Mais que história ou arquitetura (ou um pouco de cada uma), o artigo que se finda — como já posto — é essencialmente uma investigação antropológica (a outra área de estudo adotada na pesquisa).

Destaca-se, por fim, a capacidade da reescrita como forma de produzir outro texto. Ou de produzir um sentido novo ao texto anterior que lhe serviu de base. Nesse caso, ao “reduzir” o texto da tese para se concentrar em um foco bem específico, o artigo, de certa forma, “ampliou-o”.

Essa, talvez, seja a força da escrita. Da escrita, da reescrita e da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: A invenção do gosto na era democrática**. Trad. Elaina Maria de Melo Souza. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2002.

LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é Arquitetura**. São Paulo: editora Brasiliense, 1980.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. In: **O Fenômeno Urbano**. VELHO, Otávio Guilherme (Org.). Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

TODOROV, Tzvetan. **A Vida em Comum**: ensaio de antropologia geral. Trad. Denise Bottmann e Elenora Bottmann. Campinas, Papyrus, 1996 (Coleção Travessia do Século).

VALLADARES, Licia do Prado. **A Invenção da Favela**: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

WIRTH, Louis. O Urbanismo como modo de vida. Trad. Marina Corrêa Treuherz. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

SOBRE O AUTOR:

Luiz Divino Maia

Doutor em Arquitetura e Urbanismo (UFMG), mestre em Antropologia Social (UFMG) e bacharel e licenciado em História (PUC-MG), Luiz Divino Maia é professor de história, historiador, antropólogo, pesquisador e educador social. O profissional também possui experiência na área de Educação Patrimonial, com consultorias e coordenação de atividades em Belo Horizonte e em cidades do interior de Minas Gerais, atuando tanto como organizador, instrutor, palestrante e coordenador de projetos e de eventos voltados às questões do Patrimônio Cultural, com atuação em escolas e em grupos diversos.

E-mail: luizhist68@gmail.com

Artigo recebido em: 20 set. 2025. | **Artigo aprovado em:** 28 nov. 2025.